

MANIQUEÍSMO EM CIÊNCIA

Nas Américas, a polarização simples y excludente entre dois extremos, quase sempre com viés de irracionalidade, tem se convertido em norma. Trata-se de um fenómeno que está ocorrendo no íntimo da sociedade em quase todos os países do mundo e, em alguns deles, tem adquirido um carácter excludente do outro, com um peso preocupante. Embora pensemos que a ciência, com sua abordagem racional e metódica, não deveria ser submetida a uma dualidade extrema, mas sim deve estar sempre sujeita à investigação, experimentação e mudança de opinião, a pandemia que afeta ao mundo inteiro, tem empurrado a humanidade toda e, por conseguinte, à comunidade científica, a se tornar parte de causas extremas.

A pandemia COVID-19 expôs realidades inquietantes. No aspecto político mostrou como as inclinações para uma ou outra ideologia política são capazes de alterar o pensamento de governantes e especialistas em questões tão elementares como o reconhecimento de que estamos diante de um problema de saúde de transcendental importância. Ou na promoção ou rejeição de medidas que têm se mostrado como absolutamente necessárias para a prevenção de contágios, tais como o uso de máscaras e o distanciamento das pessoas.

No aspecto terapêutico, onde tem sido difícil demais entender os processos subjacentes e alcançar avanços efetivos no manejo dos pacientes, as posições conflitantes de pesquisadores, médicos e profissionais da saúde, bem como de políticos e governantes em relação à utilização (ou não) de certas drogas e procedimentos, têm se mostrado maniqueístas. Tais como as atitudes e pareceres técnicos ou não técnicos, e até supostos estudos a respeito do cloro, do antimalárico cloroquina e do vermífugo ivermectina, entre outros.

Para completar, temos o assombroso dualismo observado entre aqueles que defendem sua administração e a incrível oposição de outros no que se refere à única medida verdadeiramente efetiva contra a propagação da doença: as vacinas.

O vertiginoso avanço no desenvolvimento de vacinas que houve no caso do SARS-Cov-2 vem a ser, sem dúvida, um

dos eventos bem-sucedidos mais representativos do valor da pesquisa científica em tempos recentes. Por outro lado, o antagonismo que os chamados “*antivax*” têm difundido expõe uma atitude que bem pode ser classificada como criminosa, ao se opor cegamente à imunização da população. Parece impensável que entre estes últimos encontremos não apenas pessoas de baixo nível educativo, mas também muitos profissionais, inclusive médicos e epidemiologistas que, acreditando em teorias conspirativas das origens mais incertas, aumentam os riscos *ad infinitum*, que certamente existem na vacinação, e nos aproximam ao gnosticismo de outros tempos e ao mundo das revelações, para tentar demonstrar suas ingênuas ideias sobre o desaparecimento espontâneo. Ignoram voluntariamente que, além da efetividade e/ou eficiência razoável, as vacinas são extraordinárias para evitar e praticamente eliminar a necessidade de hospitalização daqueles que se infectam após tê-las recebido e, o melhor de tudo, levam os índices de mortalidade da doença a valores próximos de zero. Transformam o que pode ser considerado como uma panaceia, ou algo próximo disso, “um bem universal”, em um veneno intencional causante dos males mais incríveis, “um mal universal”.

Como se fosse uma mensagem salvadora, propaga-se a ideia de lutar a todo custo contra a única forma prática e efetiva de acabar algum dia com o terrível mal que tem afetado a humanidade nos tempos atuais. A realidade é reduzida a um conflito entre o bem e o mal, e a desconfiança e o medo acabam sendo os objetivos dos negadores.

A comunidade científica deve formar uma frente sólida e solidária para se contrapor aos múltiplos aspectos negativos mencionados e conseguir que nossos povos superem a situação atual, tornando possível a vacinação de uma maioria esmagadora da população e assim voltar para a tão almejada normalidade dos tempos prévios à pandemia.

MIGUEL LAUFER
Diretor, *Interciência*